



Educação Unisinos

E-ISSN: 2177-6210

revistaeduc@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Brasil

Pinheiro, Leandro; Bueno Fischer, Maria Clara; Mello Cargnin, Daiana Rozi
Usos de imagens fotográficas em pesquisa sobre saberes do trabalho associado
Educação Unisinos, vol. 21, núm. 2, mayo-agosto, 2017, pp. 213-222
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=449652565011>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Usos de imagens fotográficas em pesquisa sobre saberes do trabalho associado

Use of photographic images in a research on associated work knowledge

Leandro Pinheiro¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
leandropinheiro75@gmail.com

Maria Clara Bueno Fischer¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
clara.fischer@ufrgs.br

Daiana Rozi Mello Cargnin²

daianacargnin@yahoo.com.br

Resumo: Pesquisar saberes do trabalho é um desafio devido, entre outros aspectos, à dificuldade de o(a) trabalhador(a) falar sobre seu trabalho. Neste artigo, aborda-se o uso de imagens fotográficas como mediação para investigação sobre saberes do trabalho associado. Apóia-se em teorizações sobre imagens fotográficas em pesquisa e atividade e saberes do trabalho na perspectiva ergológica. Apresenta e analisa os procedimentos metodológicos adotados em pesquisa realizada em uma cooperativa de confecção localizada no sul do Brasil. Conclui que o uso da fotografia como "verossimilhança" acompanhada de explicitação de pontos de vista, a partir de uma experiência de trabalho compartilhada, desempenha papel de mediação relevante para o diálogo sobre saberes do trabalho.

Palavras-chave: saberes do trabalho, metodologia de pesquisa, fotografia.

Abstract: Researching work knowledge is a challenge due to the difficulty of the worker to speak about his/her work, among other aspects. This paper approaches the use of photographic images as productive mediation for the investigation on associated work knowledge. It is based on theorizing on the use of photography in research, as well as ergologic perspective on knowledge and work activity. It presents and analyses the methodological procedures adopted in a research developed in a clothing cooperative located in the south of Brazil. The conclusion is that the use of photography as "verisimilitude", combined with an explicitness of points of view, from a shared experience of work, plays a mediation role that is relevant for the dialogue about work knowledge.

Keywords: work knowledge, research methodology, photograph.

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Prédio 12201, Campus Centro. Av. Paulo Gama, s/n, 90046-900, Porto Alegre, RS, Brasil.

² Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Bacharel em Psicologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Endereço comercial: Rua João Telles, 524, sala 702, 90035-120, Porto Alegre, RS, Brasil.

Introdução

A retomada de formas associativas de trabalho no Brasil tem sido evidenciada desde o final da década de 1980. Para fazer frente à crise estrutural do emprego e flexibilização das relações entre capital e trabalho, fábricas que haviam sido fechadas foram ocupadas e a produção reativada pelos trabalhadores. Inúmeras associações de trabalho, cooperativas de produção, de consumo e de crédito foram criadas. Entre os fatores que têm contribuído para sua consolidação está o desenvolvimento da cultura do trabalho autogerido. Questão complexa, considerando-se a hegemonia do trabalho heterogerido nas sociedades contemporâneas.

Assumimos que o cotidiano do trabalho associado se constitui em locus privilegiado de aprendizagem de novas relações sociais, em que o trabalho se sobrepõe ao capital e em que a autonomia se afirma frente à heteronomia. Consideramos, portanto, que tal aprendizado de modos de fazer, de pensar, de produzir sentidos, são negociados e produzidos de forma permanente. Os sujeitos vivem, portanto, num processo dinâmico, incessante e tensionado de fazer escolhas, quando em atividade de trabalho, entre patrimônios de valores e saberes diferenciados e, por vezes, antagônicos entre si.

Um dos desafios para a pesquisa sobre saberes do trabalho associado diz respeito às opções disponíveis de estratégias teórico-metodológicas, para conhecer esse movimento tensionado de construção da cultura do trabalho associado. Conhecer o trabalho humano em si é tarefa complexa. Tomar o trabalho associado como “matéria estrangeira”³ na pesquisa é, particularmente, um grande desafio.

Este artigo descreve e analisa caminhos escolhidos para enfrentar tal desafio: problematiza a apropriação de imagens fotográficas, como recurso heurístico na pesquisa sobre saberes do trabalho. Tomamos como ponto de referência, a análise do itinerário de investigação construído junto a trabalhadores de uma cooperativa de vestuário no Rio Grande do Sul (RS), em que um dos propósitos era compreender, com apoio no referencial teórico-metodológico da abordagem ergológica do trabalho, os saberes no trabalho associado.

A ergologia (do grego *ergo* que significa ‘ação, trabalho, obra’) interessa-se pelo trabalho como atividade humana. Sendo a atividade sempre algo entre o consciente e

o inconsciente, entre o corpo e o espírito, é impossível conhecê-la de uma vez por todas, pois ela está num permanente refazer-se no momento mesmo que acontece. A abordagem ergológica do trabalho exige, então, uma prática de confrontos entre os saberes acadêmicos e os saberes ‘investidos’ na experiência que faz o trabalho humano (saberes engajados e desengajados) (Cunha *et al.*, 2011, p. 162).

Nesse sentido, dentre as finalidades para o uso da fotografia, atentaremos sobretudo para seu papel de mediação na produção de conhecimento. Na pesquisa em questão, a imagem fotográfica se mostrou um artefato adequado à construção do diálogo entre os sujeitos da pesquisa e a equipe de investigadores, sobre os processos de trabalho organizados nos diferentes setores da cooperativa. Acreditamos que sua característica de verossimilhança e, ao mesmo tempo, de expressão das escolhas de quem fotografa, potencializou as conversações, dado que sua suposta “proximidade ao acontecido” complementou as descrições verbais, no que concerne à articulação e à mútua problematização, das compreensões e dos sentidos em interlocução.

Antes de expor os usos feitos das fotografias e explicar as condições com as quais concretizamos seu papel na investigação, passaremos a uma breve abordagem da utilização de imagens fotográficas em pesquisas, visando delimitar nosso posicionamento teórico-metodológico. Ao final do artigo, tecemos algumas considerações a respeito do objeto das reflexões desenvolvidas.

Sobre imagens fotográficas e pesquisa

Assumimos que, nas relações sociais que construímos na atualidade, as imagens são aportadas como importantes fontes de informação em relação ao que acontece em nossos cotidianos, como se fossem uma maneira, especialmente completa, de descrever os fatos. A criação da fotografia, no século XIX, mudou as formas de registro e memória, dada sua verossimilhança com o que vemos na concretude do curso de nossos dias (Martins, 2009).

A fotografia apareceu com a sociedade industrial, em estreita ligação com os fenômenos mais emblemáticos – a expansão das metrópoles e da economia monetária, a industrialização, as modificações do espaço, do tempo e das comunicações – mas, também, com a democracia. Tudo isso, associado a seu caráter mecânico, fez da fotografia,

³ Tomar o trabalho como “matéria estrangeira” quer dizer, como nos interroga Yves Schwartz, “colocarmo-nos a estudar o trabalho [...] como se ele não fosse naturalmente, espontaneamente um objeto já bem delimitado pela tradição, mas, em certos aspectos, um continente amplamente estranho ao saber acadêmico? [...] conforme o trabalho aparece para nós como um ‘objeto’ ou ainda como uma ‘matéria estrangeira’, não se considerará da mesma maneira as relações entre Trabalhar, Aprender, Saber, não se definirá da mesma maneira esses três termos” (Schwartz, 2008, p. 25).

na metade do século XIX, a imagem da sociedade industrial (Rouillé, 2009, p. 16).

Amparada na combinação mecânica do dispositivo da “câmara escura” e do domínio de técnicas de manipulação da sensibilidade à luz de certas substâncias químicas (saís de prata), a imagem fotográfica gerou certa reconfiguração na forma de representação da realidade, ao distinguir-se da produção do artista (pintor, escultor), cuja obra passa pela elaboração detida, por vezes demorada, e dependente da habilidade atribuída ao autor. A fotografia, e o aparato mecânico que a constitui, a uma só vez, dispõe procedimentos independentes da ação humana direta e aporta o papel de um operador.

Conforme nos assinala Rouillé (2009), a capacidade da fotografia de trazer inúmeros detalhes de seu referente, comparativamente à pintura por exemplo, dialogará com a demanda corrente na modernidade, por formas de ver que ampliassem nosso conhecimento da realidade, como que a desvelar novos detalhes, a dizer o que não fora dito. Assim, tal aparato parece responder, intensamente, à forma como sentimos o mundo (se contrastado com a intermediação da escrita ou outras expressões linguageiras), constituindo o que denominamos o verossímil.

Neste ínterim, consideramos a premissa de que viver em um contexto culturalmente organizado, desde a utilização intensa de imagens, possibilita que a produção de fotografias ocupe lugar significativo na relação dos sujeitos com suas realidades de vida (Berger, 2001), tornando-se, assim, um artifício metodológico instigador para diálogos em pesquisa.

O uso de imagens fotográficas, em pesquisas na área de ciências humanas, não é algo recente. Tomando o exemplo de Malinowski, no início do século XX, podemos perceber que o recurso fotográfico se implica na produção da antropologia, desde estudos clássicos (Achutti, 2004). Da mesma forma, podemos considerar diversas abordagens para a utilização das imagens, ora passando por aportes ilustrativos do texto, ora reivindicando a autonomia da produção imagética como linguagem singular. De outra parte, ainda que a relevância da fotografia seja debatida em muitos campos das ciências sociais, não é unívoco seu papel dentro do universo das informações levantadas em campo. Existem vertentes que apostam na confiabilidade das imagens, como se fossem registros a explicitar o fotografado; há correntes que preferem tomar a produção de imagens, especialmente, como expressão das escolhas do fotógrafo, desde sua compreensão de mundo. Para avançarmos nesta discussão, cabe passarmos a alguns exemplos de apropriação da fotografia em pesquisas.

Achutti (2003) alega que a “supremacia conferida ao texto e à palavra se deve, por certo, às práticas acadêmicas de sempre, cuja pertinência científica não costuma ser colocada em questão” (Achutti, 2003, p. 32). A experiência deste autor na confecção de sua dissertação de mestrado articula a construção de imagem fotográfica na perspectiva do pensamento antropológico. O autor encara o potencial narrativo das imagens sob a forma de narrativas visuais. “Mergulhado” no campo de pesquisa, delineia um modo de pesquisar em que o procedimento metodológico deriva da observação e interação com os sujeitos da pesquisa e, posteriormente, um planejamento das imagens que serão produzidas pelo(a) pesquisador(a), as quais devem ser atualizadas após cada inserção no campo. O trabalho de campo vai construindo duas narrativas: uma, visual e outra, escrita. Dessa forma, a narrativa visual vai constituindo um espaço único, no qual pretende narrar o cotidiano.

De outra forma, Tacca (1991) narra experiência em que oferta câmeras fotográficas para operários de uma indústria calçadista da cidade de Franca, no estado de São Paulo. O pedido feito para esses(as) trabalhadores(as) foi que fotografassem o cotidiano, através de um roteiro previamente estabelecido. Cada indivíduo ficou com a câmara por dois meses e fotografou, semanalmente e sequencialmente, os seguintes temas: a família, a casa, os objetos pessoais, o bairro, o caminho para a fábrica (ida e volta) e, por último, a fábrica. A fotografia, nesse caso, como estratégia metodológica, possibilitou a produção da auto representação do sujeito trabalhador de uma fábrica de calçado, mas, também, fez emergir “um universo visual singular e dificilmente penetrável ao olhar tradicional da antropologia. O deslocamento do olhar produtor da imagem fotográfica rompe com a posse de uma única visão fotográfica da realidade” (Tacca, 2002, p. 1).

Ainda nessa perspectiva, Pinheiro *et al.* (2011) desenvolveram pesquisa semelhante em bairro de periferia da cidade de Porto Alegre, entregando máquinas fotográficas descartáveis para catadoras atuantes em uma unidade de triagem. Neste caso, foram realizados três ensaios fotográficos seguidos de discussões (individuais e coletivas), sobre temas livres ou definidos coletivamente, no intuito de construir narrativas sobre o cotidiano e a identidade daquelas trabalhadoras. Aqui, a autoria da produção da imagem também foi deslocada, conciliando uma atividade reflexiva, desde a produção de narrativas orais ancoradas na interpretação enunciada para as imagens.

Passando ao âmbito da psicologia social, Tittoni (2004) analisa os processos de subjetivação produzidos nas experiências de trabalhadores vinculados à economia

solidária. Segundo Tittoni (2007, p. 36), a utilização da fotografia, compondo a estratégia metodológica, surgiu “a partir da necessidade de aprimorar tecnologias de intervenção que pudessem mostrar modos de trabalhar invisibilizados pelas normas e padronizações características dos espaços de trabalho”. Dessa forma, a metodologia se afirma nos pressupostos da pesquisa intervenção, na qual a fotografia é uma das fases da estratégia metodológica que “consiste em entregar aos pesquisados uma câmera fotográfica e solicitar que produzam imagens a partir de um tema ou questão” (Maurente e Tittoni, 2007, p. 37).

E um último exemplo, a dissertação de mestrado *Viticultores(as) do Sul, Canavieiros(as) do nordeste: construções autobiográficas dos(as) trabalhadores(as) estudantes pensadores(as) do desenvolvimento local* (França, 2012) traz para o campo da educação o uso da autofotografia como metodologia de pesquisa. Esta metodologia convoca os pesquisados a produzirem suas próprias fotografias, acompanhadas de legendas que respondam à questão que norteou a pesquisa: você é um(a) construtor(a) de desenvolvimento local (do seu município)? Neste estudo, a fotografia foi utilizada com a intencionalidade de trazer a singularidade do sujeito através do olhar que convoca para produzir a cena retratada.

Poderíamos trazer mais exemplos, mas o que interessa aqui é ilustrar, sucintamente, as inúmeras possibilidades de apropriação das imagens fotográficas na pesquisa. Conforme a criatividade de pesquisadores(as) e pesquisados, a opção teórico-metodológica que fazem e os objetivos da pesquisa, podemos perceber maior ou menor valorização da autoria; uso mais ou menos expressivo de narrativas imagéticas autônomas; ou o posicionamento, mais ou menos, enfático do uso das fotografias como registro.

Em nossa pesquisa a produção de imagens fotográficas constituiu o próprio itinerário investigativo, de maneira que construímos um posicionamento na caminhada. Cremos ter tomado a fotografia como mediação ao diálogo, procurando estimular as autorias tanto de pesquisadores, quanto de pesquisados e, mirando o realizado agora, articulamos imagens e textos de modo a atender nossos propósitos na produção de conhecimento sobre a atividade de trabalho. Por que “mediação ao diálogo”? A imagem fotográfica se interpôs entre pesquisadores e pesquisados e entre os próprios pesquisados e também entre sujeitos trabalhadores e sua experiência real de trabalho. Nos diversos momentos coletivos de

mirar a experiência, a fotografia era um artefato comum a ser observado e desencadeador do diálogo. Ademais, ao tomar as fotografias como base de mediação para aprofundar e ampliar o conhecimento do trabalho que, durante a pesquisa, partilhávamos com as trabalhadoras da cooperativa, operamos no uso da imagem como “registro verossímil” de uma prática em visibilização, desde a confrontação dialógica de diferentes interpretações, quando podemos perguntar e/ou sermos perguntados também pelo que “não está ali” (Loizos, 2002). Estamos falando, portanto, do uso da imagem fotográfica como mediação para a construção do conhecimento, através da explicitação verbal do visto e do não visto.

No tópico seguinte, procuraremos articular noções e estratégias adotadas nas incursões à cooperativa, na tentativa de explicitarmos o posicionamento tomado em campo.

Mediação e confrontação: usos da imagem na pesquisa

A cooperativa Unidas Venceremos (UNIVENS) foi fundada em 1996. Está localizada no Bairro Sarandi, na zona norte da cidade de Porto Alegre (RS). Atualmente 28 cooperadas⁴ produzem produtos no ramo do vestuário, como a confecção de camisetas, uniformes escolares e para empresas, jaquetas, jalecos, sacolas de tecido para eventos e congressos e o serviço de serigrafia. A UNIVENS faz parte da Cooperativa Central Justa Trama que:

é uma cadeia produtiva, processo que inicia no plantio do algodão agroecológico e vai até a comercialização de peças de confecção produzidas com este insumo. Os empreendimentos que fazem parte da cadeia produtiva, trabalham nos preceitos da economia solidária e do comércio justo. São cerca de 700 trabalhadores, em cinco estados do Brasil, homens e mulheres, agricultores, coletores de sementes, fiadoras, tecedores e costureiras (Justa Trama, 2015).

A fotografia na imersão em campo

O percurso do grupo de pesquisa para conhecer o campo contou com inúmeras discussões acerca das técnicas a utilizar. Aportamos diferentes estratégias metodológicas na análise das situações de trabalho, incluindo observação, entrevistas, questionários, uso de imagens fotográficas, elaboração de diagramas e encontros de discussão coletiva sobre o trabalho. Os procedimentos e instrumentos construídos tomavam

⁴ Como entre os cooperados havia somente um homem – serigrafo – e outras 27 mulheres, ao longo do texto as referências feitas aos sujeitos da pesquisa se darão, de forma genérica, no feminino.

os referentes como inspiração e, então, imergíamos em processos reflexivos, a produzir um caminho possível. Pretendíamos conhecer saberes e valores construídos pelas trabalhadoras da cooperativa em seu processo de trabalho. Precisávamos, porém, encontrar meios de fazê-lo e, assim, as discussões sobre o método ganharam expressão não imaginada inicialmente.

Nossa imersão no campo teve início com visitas regulares à cooperativa, quando permanecíamos entre as trabalhadoras, conversando, perguntando e fotografando. Seria possível dizer que começamos a utilização de imagens fotográficas no intuito de termos um artifício adicional para as conversas entre pesquisadores(as). As imagens do espaço de trabalho que estávamos a conhecer, evocavam informações e interpretações adicionais aos nossos relatos orais e aos nossos diários de campo (Loizos, 2002). As escolhas de cada fotógrafo-pesquisador(a) apresentavam aos colegas um outro ângulo, uma outra opção de visão daquilo que era propósito comum: a atividade de trabalho.

Nas primeiras aproximações, as idas à cooperativa foram uma vez por semana e tiveram a duração de, aproximadamente, 1 hora e 30 minutos. O grupo de pesquisadores(as) era composto por três pessoas e cada um observou os trabalhos de um setor por vez (Corte, Costura e Serigrafia), usando máquinas fotográficas para a confecção de imagens acerca da atividade de trabalho. Enquanto a trabalhadora realizava suas tarefas, explicava-as ao pesquisador(a), que fotografava o que lhe era possível “ver”. Assim, cada investigador(a) fez o enquadramento de um ângulo da tarefa realizada e da organização laboral e construiu uma narrativa singular sobre a atividade de trabalho em desenvolvimento, nos momentos de interlocução. Ao mesmo tempo em que produzia suas imagens, o(a) pesquisador(a) observava e dialogava com as trabalhadoras, a fim de conhecer o trabalho realizado e de investigar se a tarefa já possuía outras configurações ou se, em algum momento da história, aquela atividade foi feita de forma diferente.

As idas a campo para conhecer as cooperadas e o trabalho realizado demandaram tempo precioso de observação, de conversa e de sistematização daquilo que passamos a conhecer. Desta forma, compartilhamos as relações interpessoais, a dinâmica das relações do grupo, os conflitos, as trocas e etc. e nos envolvemos com o grupo de trabalhadoras da cooperativa Unidas Venceremos, como um estrangeiro que questiona o sentido da atividade.

Em que pese a ênfase do uso entre nós pesquisadores(as), a imagem fotográfica ganha novo lugar na medida em que nossa interação na UNIVENS ganha corpo. Não raro, as mulheres criavam condições para serem

fotografadas (posavam, escolhiam ângulos...) e pediam para fazerem parte dos registros. Parecia-nos que a potência mobilizadora das imagens na atualidade, se fazia presente e, assim, a foto tornou-se um dos elementos de intermediação de nosso relacionamento, ancorando brincadeiras e conversas, amparando a negociação pela presença regular de pessoas externas ao trabalho.

Exemplo do que relatamos foi uma das primeiras “devoluções” feitas às trabalhadoras. Depois de meses de imersão, produzimos um *banner* com uma seleção de fotos produzidas por nós. Privilegiamos imagens das mãos junto às máquinas, no exercício do ofício. Situação até então não percebida em nossa interação, as mulheres pararam a observar as fotografias, tentando identificar as pessoas que estavam ali estampadas. Por um pequeno instante, a preocupação usual com a produtividade no trabalho parece ter se esvaído em nome da sociabilidade que o artefato e nosso gesto provocaram.

Aquele momento indicava o lugar ocupado pela fotografia nas relações daquelas trabalhadoras, consoante com a intensa profusão de mensagens ancoradas em imagens e com o uso da foto como artifício para expressão do vivido, que experimentamos na atualidade. As trabalhadoras demonstraram o desejo de representação individual nas fotografias do *banner*, ao se perguntarem de quem eram as mãos presentes em material sobre a cooperativa. Assim, entendemos que, perpassando as conversações, estava o entendimento pressuposto de que a fotografia expressava seu referente de forma fiel, explicitando-nos seu efeito de verossimilhança, especialmente, valorado na modernidade.

Tal circunstância indicava, além disso, a potencialidade do artefato para a mobilização de diálogos a partir de vivências singulares (entre pesquisadores(as) e pesquisadas) em um espaço em comum. A fotografia promovera não só nossa aproximação a trabalhadoras, mas começava a mediar nossas construções coletivas de conhecimento: no partilhar de interpretações/leituras a partir do verossímil, do percebido ao estar junto em um espaço de trabalho comum, a imagem fotográfica sustentou a produção de saberes na coletividade.

Imagem e texto na sistematização de informações: a construção do olhar do pesquisador sobre o trabalho com apoio da fotografia

A equipe de pesquisa produziu um acervo fotográfico com mais de 300 imagens, durante as idas à cooperativa para conhecer o cotidiano de trabalho das cooperadas. Finalizando esta primeira aproximação com o campo, passamos a analisar as fotografias produzidas. Diante

**Mãos
habilidosas que
fazem
acontecer o
trabalho
associado da
UNIVENS
JUSTA TRAMA**



Figura 1. Mãos habilidosas no trabalho associado.
Figure 1. Skilled hands in the associated work.

Fonte: Acervo da pesquisa.

do acervo fotográfico construído, surgiu a decisão de que cada um dos(as) pesquisadores(as) iria legendar as suas fotografias, para poder compartilhar a intencionalidade do seu olhar, ou seja, poder explicitar o que estava querendo mostrar quando produziu determinada cena.

A construção das legendas teve o apoio das anotações em diário e das gravações feitas na imersão etnográfica. A produção do diário de campo, especificamente, mais que o registro de fatos e dados que são observados, foi uma escrita a figurar como prática reflexiva. Neste sentido, tal artifício foi considerado no que tange às escolhas e aos posicionamentos feitos pelo(a) pesquisador(a) a partir do que lhe é possível ver, sentir e compreender. Lourau (1993) afirma que o diário de campo é a produção subjetiva do pesquisador. Nesta escrita, fica o registro, entre outras coisas, das contradições da atemporalidade da produção pessoal e da institucional; o diário aproxima virtualmente narradores – pesquisador e pesquisados – para compor uma grafia conjunta conformando saberes e os usos de si.

Cada pesquisador(a) legendou as suas fotografias e, na sequência, a equipe de pesquisa decidiu que todas as fotografias ficariam divididas em categorias gerais que englobassem o conjunto das imagens feitas: (1) Artefatos na parede; (2) Espaços e organização física; (3) Etapas da atividade e seus detalhes; (4) Instrumento de trabalho e maquinário; (5) Postos de trabalho; (6)

Produtos do setor. Então, apoiando-nos na articulação entre imagens e texto, procuramos elaborar bases de leituras coletivas da equipe – das fotos, vinculando-as aos objetivos da investigação, isto é, atentando-nos aos processos de trabalho em estudo. Desta forma, fizemos um primeiro exercício de sistematização e compreensão coletiva apoiadas na produção de imagens fotográficas e na ancoragem textual destas.

Com esta organização, decidimos construir escritas que abarcassem a descrição detalhada da atividade de trabalho de cada setor e, nesta redação, as fotografias foram utilizadas juntas aos diários como aportes de memória dos(as) investigadores(as). O primeiro setor a ser descrito foi o Corte, sendo que o mesmo foi escrito, em um primeiro momento, por apenas um dos(as) pesquisadores(as). Então, o texto foi apresentado em reuniões de equipe, passando a uma fase de redação compartilhada, incorporando acréscimo de informações, percepções e reflexões dos demais membros do grupo. Produzimos, enfim, uma narrativa que nos habilitasse a seguir em interlocução mais aprofundada com as trabalhadoras da cooperativa, isto é, que nos propiciasse compreender, minimamente, o processo de trabalho e, assim, logramos conceber artifícios de mediação que dialogassem com as experiências das trabalhadoras, desde nossos propósitos de pesquisa.

A reconstrução do olhar do pesquisado sobre seu trabalho com apoio da fotografia

Seguimos, depois, ao convite para que as próprias trabalhadoras fotografassem seu cotidiano de trabalho com máquinas descartáveis, ampliando as bases para visibilização de elementos constituintes da atividade de trabalho. Normas tácitas, tarefas e a criatividade dos sujeitos na organização do trabalho, em certa medida, ficam invisibilizadas e não são legitimadas como fazendo parte do trabalho. Estas produções cotidianas são fundamentais para a execução do conjunto das atividades, embora não normatizadas, formalizadas e legitimadas (Schwartz, 2010).

A entrega das câmeras fotográficas teve o objetivo de provocar a confrontação do olhar das trabalhadoras com o seu próprio trabalho e, desta forma, promover novos diálogos sobre a atividade de trabalho. A entrega das máquinas fotográficas também teve como objetivo ampliar o acervo fotográfico da pesquisa e, assim, trazer o ponto de vista da trabalhadora às nossas discussões sobre o processo de trabalho.

A confrontação do sujeito com seu trabalho, então, materializou-se como procedimento elaborado deliberadamente para gerar um determinado tipo de mediação, associado à construção do objeto de pesquisa, mas, sobretudo, orientado a provocar reflexividade entre as trabalhadoras quando deparadas com a tarefa de registrar e definir as próprias atividades (para si e para o outro).

A orientação foi que utilizassem 20 poses para retratar o trabalho e 6 poses para fotografar temática de livre escolha. Uma semana depois, a equipe de pesquisa buscou as câmeras fotográficas para revelar as fotografias. Produzimos duas cópias de cada imagem: uma das revelações foi entregue a cada trabalhadora; e na outra foi solicitada que escrevessem, no verso das fotografias, o que queriam transmitir com as imagens. Mais uma semana passou e as fotografias foram devolvidas com legendas.

A valorização da autoria das trabalhadoras trouxe-nos novas dimensões de seu cotidiano e novos sentidos atribuídos ao trabalho, também constituintes da atividade. Laços afetivos entre colegas, pertencimentos ao ofício da costura ou ao coletivo, orgulho da realização de certas tarefas, dentre outras possibilidades, eram evocadas a partir de imagens ancoradas por legendas que as próprias mulheres definiram.

Além disso, tais autorias fomentaram a oportunidade de produzirmos momentos coletivos de diálogos sobre o trabalho, desde a reinterpretação e inclusão de suas fotos em “fluxogramas” representativos de nossa compreensão dos processos de trabalho.

De acordo com Durrive (2010a), o objetivo de promover encontros sobre o trabalho é multiplicar os espaços de debates e questionamentos sobre as atividades de trabalho. O objetivo é criar momentos, que possibilitem ao trabalhador parar e olhar para o próprio trabalho e se confrontar com o seu fazer. Ao mesmo tempo, os(as) pesquisadores(as) podem olhar para o trabalho dos trabalhadores a partir do olhar desses e, assim, promover o diálogo sobre a mesma.

O intuito de promover os encontros concernia à pesquisa, mas também aos nossos propósitos de contribuir com a formação dos membros da cooperativa, dada a possibilidade de multiplicar os espaços de debates e problematização sobre a atividade, quando entendemos que tais momentos “são reservatórios inimagináveis de energia para a formação e o desenvolvimento, individual e coletivo” (Durrive, 2010b, p. 309).

Na produção de momentos orientados deliberadamente à confrontação das trabalhadoras com suas atividades, lançamos mão das imagens (organizadas em uma totalidade interpretativa), para estabelecermos diálogo sobre a realidade que gostaríamos de conhecer juntos. Novamente, apoiávamo-nos na verossimilhança para oportunizar o diálogo e usávamos as fotos, vinculadas à ancoragem escrita. Entretanto, desta vez, a leitura das fotografias de autoria das mulheres estava orientada pelo conjunto esquemático e textual produzido pelos(as) pesquisadores(as).

Cruzamentos de olhares de pesquisadores e pesquisados sobre o trabalho

Dando sequência a esta narrativa, passamos a comentar um passo bastante singular e importante de nosso itinerário, a saber: a produção dos “fluxogramas” dos processos de trabalho dos setores da cooperativa. Organizamos as fotografias de pesquisadas e pesquisadores(as) para elaborar, com o apoio das sistematizações anteriores, um esquema representativo que apresentasse etapas das atividades de trabalho.

Aventamos a hipótese de que as trabalhadoras, quando do momento de visualizarem as imagens que compunham a descrição da sua atividade de trabalho, poderiam usar seu patrimônio de saberes acerca de seus afazeres, para afirmar ou contradizer o nosso “olhar” sobre o trabalho que desenvolvem e, como consequência, teríamos novo movimento de sistematização e oportunidade de confrontação entre cooperadas e seu próprio saber.

Dessa maneira, a organização do fluxograma e seu uso em encontros sobre o trabalho – que chamávamos de oficinas – visariam como resultado a geração de um novo



Figura 2. Fluxograma do processo de trabalho.

Figure 2. Work process flowchart.

Fonte: Acervo da pesquisa.

conhecimento. Para montar este fluxograma, a equipe de pesquisa, nas reuniões do grupo, de posse do acervo das fotografias (imagens produzidas pelos(as) pesquisadores(as) e pelas pesquisadas), escolheram as imagens que visibilizassem as etapas do trabalho realizado por trabalhadoras nos diferentes setores. As imagens foram categorizadas em conformidade com as sistematizações e diálogos realizados antes. Buscou-se identificar, através das legendas, o que são as diferentes tarefas, escolhendo as fotografias para (re)montar uma síntese do processo e organização do trabalho.

As sínteses em esquemas, propriamente ditos, foram confeccionadas em versão digital, com a utilização do software PowerPoint, sujeitas a deliberações coletivas em reuniões. Depois, o fluxograma era impresso em papel A3 e servia de apoio à organização da pauta das oficinas.

Para apresentar para as trabalhadoras, o fluxograma era reeditado em um grande cartaz feito manualmente pelos(as) pesquisadores(as). A escolha de remontar o fluxograma em forma de cartaz e com peças móveis, teve o objetivo de proporcionar que as trabalhadoras tivessem uma produção visual da atividade que realizavam e que pudessem refazer e colocar em outras posições as etapas ou tarefas, de forma que aquele instrumento pudesse mediar a produção de nova versão, ampliando

o conhecimento mútuo (pesquisadores-pesquisados), sobre os processos de trabalho dos setores.

Neste íterim, vale destacar o papel desempenhado pelo efeito de verossimilhança da imagem na mediação metodológica exercida pela fotografia, especialmente, na composição dos "fluxogramas". Quando as mulheres observavam as fotos no "fluxograma", tratavam, essencialmente, de atender nossas demandas de revisão da representatividade deste em relação ao processo de trabalho em análise. A transposição de imagens produzidas pelas trabalhadoras, para um esquema interpretativo dos(as) pesquisadores(as) ocorreu sem que percebêssemos contrariedades significativas por parte delas.

De um lado, entendemos que a possibilidade da transposição comentada aqui enfatiza que a relação da imagem fotográfica com seu referente não é de espelhamento, ou de representação fiel, mas de interpretação socialmente produzida. Cada imagem ganhou novo sentido ao receber uma legenda diferente e ser enquadrada no esquema interpretativo dos(as) pesquisadores(as). As trabalhadoras operaram sob este novo sentido, sem questionar a motivação original das produções fotográficas. De outro lado, tal situação se fez possível, segundo entendemos, justamente porque a imagem traz a condição de ser verossímil, isto é, porque nós sujeitos

nos aproximávamos na “forma de ver” (que a fotografia vem instaurando junto às relações sociais) e tínhamos em comum o convívio com o lugar de trabalho em análise.

Assim, reconhecendo que nossa interação com o conhecimento é mediada, faz-se necessário reconhecermos e explicitarmos melhor tal relação. A fotografia cumpriu (junto a outras formas de linguagem) o papel de facilitar o diálogo entre pesquisadores(as) e entre estes(as) e pesquisadas, ao potencializar a interlocução a partir de registros ancorados na verossimilhança relativa a um contexto de trabalho que partilhávamos, mediante a imersão investigativa, mas desde jeitos de interpretar diferentes. A fotografia foi, então, um artifício importante de mediação entre pesquisadores e trabalhadores da cooperativa com vistas a conhecer o trabalho.

Consideramos que demos passos importantes na produção de mediações dialógicas para compreensão do trabalho como atividade humana, em que saberes da experiência de quem trabalha e saberes de pesquisadores sobre o trabalho encontram caminhos de “diálogos socráticos de duplo sentido”. Esta expressão é de Yves Schwartz, no contexto de sua explicação do que chama da postura de Dispositivos Dinâmicos de Três Polos (DD3P).

Reconhecemos, então, no polo 1, os saberes tendencialmente produzidos na desaderência; no polo 2, aqueles derivados das demandas do tratamento do vaivém entre aderência e desaderência. O polo 3 pontua as convicções iniciais que impulsionam os protagonistas a se engajar nos processos em que cada um deve retrabalhar seus próprios recursos, confrontando-os com os recursos dos outros (diálogos socráticos de duplo sentido) (Schwartz, 2009, p. 268).

E, a seguir explicita:

Diálogos socráticos de duplo sentido: porque, por referência à maiêutica socrática, eles são um tipo de engendramento mútuo de recursos e perspectivas de diferentes parceiros. Colocar em circulação certos conceitos (mais ou menos em desaderência) a partir dos protagonistas do polo 1, pode desencadear, no polo 2, uma tomada de consciência mais aprofundada e uma explicitação dos saberes e alternativas postos em jogo no tratamento reiterado do viver em aderência. Inversamente, medir os recursos visíveis ou invisíveis dos parceiros do polo 2 transforma, nos profissionais do conceito, no polo 1, sua postura, seu patrimônio e seu fazer para descobrir perspectivas ampliadas sobre o seu métier (Schwartz, 2009, p. 268).

Imagens e visibilização do conhecimento

Como desdobramento do uso da fotografia como recurso metodológico construímos, coletivamente, o

projeto de pesquisa-extensão “Retratos do trabalho da Univens”. Em um dos encontros sobre o trabalho, as trabalhadoras fizeram o pedido de confeccionar um “álbum de fotografias”, que pudesse dar visibilidade ao seu trabalho, por intermédio das fotografias produzidas por elas próprias sobre o cotidiano de trabalho.

A intervenção que produzimos no grupo de cooperadas mobilizou-as a querer mostrar para os colegas, para os clientes e para os visitantes, a história da Cooperativa Unidas Venceremos, assim como os serviços que são prestados, os produtos, a forma de organização dos setores e da cooperativa. Neste movimento de dar visibilidade ao trabalho, o recurso fotográfico foi uma estratégia para evidenciar momentos.

Para a confecção do portfólio, o grupo de cooperadas elegeu uma representante por setor. Estas escolheram as fotografias que utilizariam, entre imagens que faziam parte do acervo da cooperativa e aquelas produzidas durante a pesquisa (por pesquisados e pesquisadores). Da mesma forma, participaram na elaboração dos textos que fariam parte do portfólio e da forma de apresentação do material.

Já havia registros sistematizados sobre a história da cooperativa. Na etapa seguinte, a equipe de pesquisa reuniu os materiais, montou um “piloto” do material gráfico e apresentou para as cooperadas. Na sequência, dedicamo-nos à discussão, com o coletivo, acerca do que queriam visibilizar, mostrar aos outros.

O movimento do grupo foi de expor a história da cooperativa e reconstruir, através das imagens, o processo de produção. Para tanto, foi pedido que no portfólio estivessem os fluxogramas produzidos durante nossas oficinas. Outra visibilização almejada pelo grupo dizia respeito à forma de organização do trabalho, construída ao longo do tempo, especialmente, no que tange à sua relação com a ética da economia solidária, ao modo de gerir os espaços de trabalho, às tarefas, à remuneração e às assembleias.

Ao final, o uso do recurso fotográfico assumiu a forma de produção de memória da cooperativa, realçando a dimensão política, quando as trabalhadoras destacam o desejo de que sua história possa contagiar novos grupos de empreendimentos econômicos solidários e outros interessados na economia solidária, em diferentes espaços de deliberação e ação do movimento: fóruns, feiras e atividades do comércio justo, interlocuções com clientes, etc.

Considerações finais

A produção de imagens fotográficas constituiu o próprio itinerário investigativo. Cremos ter tomado a foto-

grafia como mediação ao diálogo, procurando estimular as interpretações e autorias tanto de pesquisadores(as), quanto de pesquisadas. Articulamos imagens e textos de modo a atender nossos propósitos na produção de conhecimento sobre a atividade de trabalho.

Ademais, ao tomar as fotografias como base de mediação para conhecer a realidade que, durante a pesquisa, partilhávamos com as trabalhadoras da cooperativa, operamos no uso da imagem como “registro verossímil” de uma prática em visibilização, desde a confrontação dialógica de diferentes interpretações.

Consideramos que demos passos importantes na produção de mediações dialógicas para a compreensão de saberes e valores produzidos em atividade de trabalho, de modo que a imagem fotográfica exerceu papel importante na mobilização e interlocução dessas com os propósitos de uma pesquisa acadêmica.

Produzimos, dessa maneira, uma experiência metodológica que nos habilitará a seguir em interlocuções mais aprofundadas, propiciando-nos conceber artifícios de mediação que dialoguem com trabalhadores desde seus cotidianos. O processo de dar visibilidade para as cooperadas e para o cooperado e para a sua atividade de trabalho, nesta pesquisa, “colocou o conhecimento social, obtido através de procedimentos científicos, a serviço de alguma forma de ação social transformadora” (Brandão e Streck, 2006, p. 10). As câmeras fotográficas e as imagens produzidas compuseram “lentes culturais” (Tacca, 2002) que, de alguma forma, provocaram reflexões, entre os participantes, sobre o trabalho humano e contribuíram para adensar a análise sobre as relações entre as dimensões macro e micro presentes no exercício da atividade, na tessitura de experiências de produzir novos modos econômico-culturais de trabalhar, neste caso, trabalhar de forma associada.

Referências

- ACHUTTI, L.E.R. 2003. Fotos e palavras, do campo aos livros. *Revista STUDIUM*, **12**. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/12/1.html>. Acesso em: 12/2012.
- ACHUTTI, L.E.R. 2004. *Fotoetnografia da Biblioteca Jardim*. Porto Alegre, Tomo Editorial/UFRGS Editora, 319 p.
- BERGER, J. 2001. *Mirar*. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, 188 p.
- BRANDÃO, C.R.; STRECK, D.R. (org.). 2006. *Pesquisa participante: O saber da partilha*. Aparecida, Ideias & Letras, 295 p.
- DURRIVE, L. 2010a. O formador ergológico ou “ergoformador”: uma introdução à ergoformação. In: Y. SCHWARTZ (ed.), *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói, EdUFF, p. 295-307.
- DURRIVE, L. 2010b. Pistas para o ergoformador animar os encontros sobre o trabalho. In: Y. SCHWARTZ (ed.), *Trabalho e Ergologia: conversas sobre a atividade humana*. Niterói, EdUFF, p. 309-318.
- CUNHA, D.M.; FISCHER, M.C.B.; FRANZOI, N. 2011. Ergologia. In: A.D. CATTANI; L. HOLZMANN (eds.), *Dicionário de Trabalho e Tecnologia*. Porto Alegre, Zouk, p. 162-165.
- FRANÇA, D.M.C. 2012. *Viticultores(as) do sul, canavieiros(as) do nordeste: construções autofotográficas dos(as) trabalhadores(as) estudantes pensadores(as) do desenvolvimento local*. Porto Alegre, RS. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 265 p.
- JUSTA TRAMA. 2015. Quem somos. Disponível em: <http://www.justatrama.com.br/menu/quem-somos>. Acesso em: 24/11/2015.
- LOIZOS, P. 2002. Vídeo, filme e fotografias como documentos de pesquisa. In: M. BAUER (ed.), *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som*. Rio de Janeiro, Vozes, p. 137-155.
- LOURAU, R. 1993. *Análise institucional e práticas de pesquisa*. Rio de Janeiro, Editora UERJ, 118 p.
- MARTINS, J.S. 2009. *Sociologia da fotografia e da imagem*. São Paulo, Contexto, 206 p.
- MAURENTE, V.; TITTONI, J. 2007. Imagens como estratégia metodológica em pesquisa: a fotocomposição e outros caminhos possíveis. *Psicologia & Sociedade*, **19**(3):33-38. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822007000300006>
- PINHEIRO, L.R.; AMARAL, M.; CARGNIN, T.; LISBOA, C.P. 2011. Imágenes fotográficas, ética y educación: itinerario posible desde la narrativa de cartoneras. *Revista Latinoamericana de Tecnología Educativa*, **10**:7-20.
- ROUILLÉ, A. 2009. *A fotografia: entre o documento e a arte contemporânea*. São Paulo, SENAC, 483 p.
- SCHWARTZ, Y. 2008. O trabalho numa perspectiva filosófica. In: I. NOSAKI (org.), *Educação e Trabalho: trabalhar, aprender, saber*. Campinas/Cuiabá, Mercado de Letras/Editora da UFMT, p. 9-46.
- SCHWARTZ, Y. 2009. Produzir saberes em aderência e desaderência. *Educação Unisinos* **13**(3):264-273. <https://doi.org/10.4013/edu.2009.133.09>
- SCHWARTZ, Y. 2010. A experiência é formadora. *Revista Educação & Realidade*, **35**(1):35-48.
- TACCA, F.C. 1991. *Sapateiro: o retrato da casa*. Campinas, SP. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Campinas, 319 p.
- TACCA, F.C. 2002. *Sapateiro: o retrato da casa*. *Revista STUDIUM*, **10**. Disponível em: <http://www.studium.iar.unicamp.br/10/4.html>. Acesso em: 05/12/2015.
- TITTONI, J. 2004. Subjetivação e trabalho: reflexões sobre a Economia Solidária. In: Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, VIII, Coimbra, 2004. *Anais...* Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/10441/000505270.pdf?sequence=1>. Acesso em: 11/03/2016.
- TITTONI, J. 2007. *Trabalho, poder e sujeição: trajetória entre o emprego e o desemprego e os “novos” modos de trabalhar*. Porto Alegre, Ed. Dom Quixote, 236 p.

Submetido: 17/03/2016

Aceito: 05/01/2017